



UM MONTE DE HISTÓRIAS





INTRODUÇÃO

A publicação *Coxilha: um monte de histórias* reúne as lembranças contadas por 14 moradores do município aos alunos da escola EMEF Pantaleão Thomaz. As histórias dos moradores foram ouvidas em entrevistas de histórias de vida realizadas pelos alunos.

O Projeto Memória Local na Escola tem como objetivo valorizar as histórias de vida das pessoas da comunidade. Ao longo do ano de 2018 foram realizados encontros mensais com 1 coordenadora pedagógica, 6 professores dos anos finais do Ensino Fundamental e estiveram envolvidos 121 alunos.

A cada relato são revelados diferentes olhares para a cidade, seus locais e sua história, compondo percepções individuais com a história coletiva do município de Coxilha. O nome da publicação faz referência à origem do nome, Coxilha, que é uma denominação da geografia do local. Em meio aos relatos dos entrevistados, há

boxes com curiosidades sobre o vocabulário local e outras informações relevantes sobre a cidade e sua história, oferecendo mais elementos para que os leitores possam fazer a costura dos relatos com a história e a cultural local.

Convidamos todos a conhecer esse monte de histórias, mas antes não podemos deixar de agradecer aos moradores que compartilharam suas histórias de vida e aos alunos e educadores, que participaram e se empenharam muito no desenvolvimento do Projeto Memória Local na Escola.

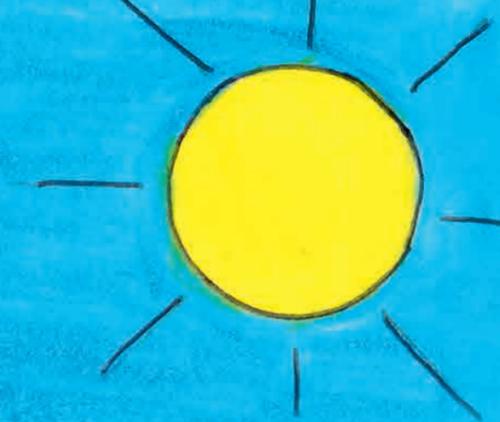
Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2018 (Pronac - 17.7422) realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com apoio do Instituto Avisa Lá e patrocínio da Bayer.

Boa leitura!



UM MONTE DE HISTÓRIAS

Você sabe de onde vem a palavra “coxilha”? Talvez você se lembre das aulas de Geografia e de seu professor ou professora explicando que essa palavra se refere a uma colina existente em meio a uma região de campos, seja ela uma elevação grande ou pequena. Uma colina. Um monte de histórias. Afinal de contas, uma cidade é formada pelas histórias das pessoas que vivem ali. Uma cidade está sempre se fazendo, é água nova todos os dias, porque todos os dias acontecem coisas diferentes na vida das pessoas, desde fatos mais prosaicos e cotidianos, até os mais inusitados. Vamos conhecer algumas das histórias que fizeram e fazem parte da história de Coxilha? Será que essas histórias são parecidas com as suas?

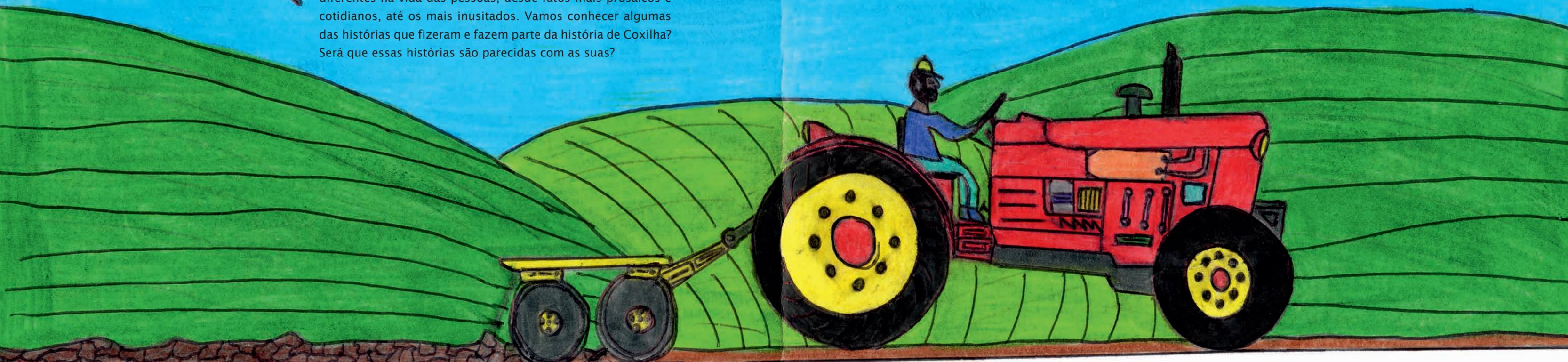


Coxilha na Geografia

Coxilha é uma colina localizada em regiões de campos, podendo ter pequena ou grande elevação, em geral coberta de pastagem.

Esse tipo de relevo é encontrado principalmente no Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, na região dos Pampas, também denominada Campanha Gaúcha, e no Uruguai, onde essas colinas recebem o nome de *cuchillas*.

Fonte: Wikipédia.





AS HISTÓRIAS DA

INFÂNCIA

Toda infância guarda semelhanças aqui e ali, apesar das singularidades de cada criança e seu contexto. Em comum, as brincadeiras, as travessuras, as broncas dos adultos, as memórias de escola, o olhar atento das crianças para a cidade, o modo de vida dos adultos, e, por vezes, para os acontecimentos importantes onde vivem, sejam políticos ou sociais. Os adultos da Coxilha de hoje foram as crianças de um lugar que ainda não era conhecido como município, mas como distrito da cidade de Passo Fundo. Era uma vida simples, numa região com extensa área rural, onde as crianças brincavam a céu aberto e muitas vezes iam para a escola de charrete ou a cavalo.

Você sabe o que é bolita?

Tem gente que conhece como bola de gude, ou bila, ou biloca. Lá em Coxilha é bolita. Sabe como é que se brinca?

Usando um pauzinho, os participantes desenham um círculo grande na terra e colocam no centro dez bolinhas. Eles marcam uma linha no chão a uns 2 metros dali. Cada um dos participantes fica com uma bolinha na mão. O primeiro jogador coloca a bola na linha desenhada e bate nela com o dedo polegar, pegando impulso no indicador, em direção às bolinhas que estão no círculo. Se ele conseguir bater nas bolinhas e algumas saírem do círculo, pode pegar todas as que escaparam.

Fonte: <http://mapadobrinhar.folha.com.br/brincadeiras/bolinha-de-gude/85-bolita>, acesso em 20/09/2018.



Houve uma vez muita neve!

Além de jogar bolita, **Anildo Mazutti** viveu outras emoções, como por exemplo, ter brincado com a neve. Em um país tropical como o nosso, isso é coisa que não se esquece: fica guardada na memória, aquela história que se conta para os filhos e as filhas, para os netos e netas ou para jovens alunos e alunas que queiram conhecer um pouco mais sobre a história das pessoas de um lugar.

Com o **Anildo** foi assim:

Na infância do Senhor Mazutti, no interior do município de Tapejara, quando tinha 5 anos de idade ocorreu uma grande nevasca, que durou oito dias, acumulando aproximadamente 1 metro de neve. Então ele e seus irmãos aproveitaram para brincar construindo carrinhos de madeira, pois assim se divertiam descendo o morro congelado. Para poder sair e tratar os animais tinham que cavar abrindo um caminho até o galinheiro, o chiqueiro e o paiol. O gado teve que ficar confinado por dias até a neve descongelar, fato que causou uma grande enchente depois da neve ter derretido. Após o ocorrido, tiveram que fazer lenha com as árvores que se quebraram devido ao peso da neve.



E as histórias das meninas?

Claro que não é só pelas histórias dos meninos que se conhece as infâncias de um lugar. E é claro também que meninas vivem aventuras e travessuras. Com a **Elizabeth Ceni dos Santos**, a **Francisca da Aparecida Gonçalves da Silva**, a **Vera Lúcia Souza Dall Asta** e a **Luci Maria Sartori**, foram muitas as travessuras. No caso da **Elizabeth**, mais conhecida como Beth, uma das travessuras virou talento e profissão. Vamos ver o que essa merendeira aprontou na infância?

Antigamente tinha poucos brinquedos, então Beth e seus irmãos tinham que dividir. Como era bem arteira, gostava de muitas brincadeiras, como sapata e caçador. Um fato marcante na sua infância foi quando ela subiu em uma árvore e acabou caindo em cima de sua amiga, que quebrou a clavícula.

Quando Beth tinha aproximadamente 10 anos, teve a grande ideia de surpreender sua mãe fazendo um pão, mas ela não sabia fazer e mesmo assim pôs a mão na massa. O pão ia crescendo e a dúvida ia aumentando, não tinha noção de como assá-lo, então resolveu pedir ajuda para a vizinha, pois estava aflita de como aquecer o forno. Gentilmente a querida senhora que morava na

casa ao lado resolveu ajudar ensinando a ela um modo de chegar à temperatura ideal do forno. Mas ainda havia mais uma dificuldade, a sua baixa estatura. Ela precisou pegar um cepinho de madeira e subir em cima para colocar o pão que crescia rapidamente.

la ela feliz da vida pela rua até a parada do ônibus. Quando sua mãe desceu do transporte, Beth contou a novidade a ela. A mãe, muito irritada, achou que sua filha tinha desperdiçado o único pacote de farinha que havia na casa. Mas quando chegaram, sua mãe se surpreendeu ao ver aquele lindo pão em cima da mesa e pediu desculpas por ter duvidado dela.

Beth então continuou a testar receitas e uma que não deu certo foi de um doce de abóbora que virou tijolinhos de abóbora de tão duro que ficou. (...)

Começou a trabalhar depois como merendeira na Escola Pantaleão Thomaz, e uma experiência emocionante foi quando os alunos fizeram uma linda festa surpresa de halloween, pois seu aniversário é no dia 31 de outubro. Beth adora cozinhar e se sente muito feliz em sua profissão.





Uma só brincadeira, muitos nomes

Quando criança, a menina Beth brincava de sapata. Você tem ideia de como é essa brincadeira? Aposto que sim! Talvez seja uma das brincadeiras mais conhecidas da infância. Não precisa de muito: um giz de cera para desenhar no chão, uma pedrinha para jogar nos quadradinhos que te levam até o céu. Descobriu? Pois é... Sapata é o mesmo que macaca, que é mesmo que maré, que é o mesmo que amarelinha. Alguns estudos referem que os nomes amarelinha, marelhinha ou maré têm origem na palavra francesa *marelle*, que designa a mesma brincadeira. E sapata? De onde será que vem esse nome que circula no Rio Grande do Sul?



Se para a Beth uma travessura virou profissão, não foi bem esse o caso da **Francisca**, também conhecida como Dona Chica. Durante sua infância, cada "arte" era punida pelos seus pais, lembrança que permanece viva até hoje:

Dona Chica sempre morou em Coxilha. Quando era pequena, ela e seus irmãos brincavam de gata-cega, roda-cotia e balançavam-se nos cipós. Naquele tempo não havia conflito entre os irmãos.

Chica era muito sapeca e nunca estava sem fazer alguma brincadeira. Na fazenda onde moravam, existia um bode muito bravo, e ela muito levada resolveu mexer com ele. O animal furioso partiu com tudo pra cima dela. A pequena menina desesperada saiu correndo até uma velha cerca de lasca de pinheiro. Inesperadamente o bode bateu com tanta força que a velha cerca se despedaçou. Mais uma pernada até a laranjeira e o bicho atrás.

O pai de longe avistou aquela correria e disse pra menina que depois eles conversariam. Ela e uma irmã morrendo de medo continuaram o serviço de tratar os bichos, enquanto o pai fazia buraco e socava os palanques para erguer uma nova cerca.

Ao chegar em casa, ela levou uma surra de "soitera" que fez uns três cortes nas costas. Seu pai ainda mandava a mãe pôr salmoura para que ardesse mais ainda e ela nunca mais aprontasse travessuras.



No caso de **Vera**, as travessuras são lembradas em momentos diferentes, tanto na infância quanto na juventude, como ela contou aos alunos que a entrevistaram:

Na época de escola, brincava com suas amigas jogando cinco-marias e criando bonecas de sabugo de milho. Certo dia, elas estavam brincando de se jogarem espigas de milho e Vera acertou na barriga de sua amiga, que desmaiou. Nunca mais brincaram com isso.

Logo depois se mudou para o Paraná, onde seu pai trabalhava em uma empresa de asfalto. Após algum tempo, voltaram para Sertão, onde foram morar em um galpão, pois tinham vendido sua propriedade e não tinham onde viver.

Quando completou 15 anos, ganhou um presente muito desejado, sua máquina de costura, e começou a fazer enxovais, sendo que suas irmãs a ajudavam, alguns ficavam para ela e os outros eram para vender.

Começou a frequentar os bailes daquela época, sendo que num desses bailes ela e suas amigas pegaram uma carroça, que estava ao lado da sua, soltaram os cavalos e empurraram morro abaixo, não sabendo o que aconteceu depois, porque subiram no seu transporte e foram embora.



Piá, você conhece essa expressão?

Uma só língua portuguesa, mas expressões tão diferentes pelo Brasil, não é mesmo, piá? Ou seria menino? Ou então, guri? Tanto faz... são todos sinônimos. Em cada canto, tem um jeito diferente de chamar menino ou criança. Dizem que, no Rio Grande do Sul, piá tem origem tupi-guarani e que era como os indígenas chamavam carinhosamente seus filhos, já que o significado da palavra é coração.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/pi%C3%A1/11947/>

A menina **Luci** era tão arteira, que chegou até a ser comparada com um piá. Mesmo morando em Passo Fundo durante boa parte da infância, ela se lembra com detalhes do que brincava e aprontava em Coxilha:

Ela morou em Coxilha até os 4 anos, depois o pai comprou uma casa em Passo Fundo e foram morar lá, porque precisava continuar seus estudos. Nas férias e fins de semana, vinham para a cidade natal, brincava de esconde-esconde, pega-pega, caçador e fazer a roda de histórias de terror e de lobisomem na casa do Seu Soares.

Certa vez, subiu em um caminhão cheio de toras e mandaram-na saltar de lá, porque iam abrir um lado do caminhão para as toras rolaem de cima. Ela caiu e quebrou um braço. Luci foi levada para casa, Seu Gentil

falou que sabia que aquilo ia acontecer, porque ela era pior que piá, depois o pai a levou para o pronto-socorro e todos os seus amigos foram visitá-la.

Outro dia foi andar a cavalo, um cavalo meio velho, com um problema nas pernas. Ela caiu na frente de uma oficina cheia de gente, ficou vermelha de vergonha, porque perguntaram se tinha se machucado, e ela disse que não. Levantou foi até a esquina e começou a chorar, saiu correndo para casa levando o cavalo até o irmão, e o pai a levou para o pronto-socorro.



A JUVENTUDE DA CIDADE E DE SEUS

MORADORES

As crianças crescem... A cidade também. Foi assim com as meninas e os piás de Coxilha, foi assim com o próprio Distrito de Coxilha, que em 1992 foi alçado a município. E esse momento marcante da história de Coxilha também foi revelado nas memórias de dois entrevistados.

A menina Luci, que antes tinha sido tão arteira, lembra-se do dia em que Coxilha se emancipou e que, ao passear de trem junto com a mãe, ficou encantada com a paisagem. Talvez ela olhasse para Coxilha de um jeito diferente, talvez ela mesma estivesse ficando diferente, crescendo junto com a sua cidade, onde futuramente seria professora. Aliás, sua história é mesmo entranhada com a de Coxilha: foi seu pai quem escreveu o hino da cidade.



Assim contou **Luci Maria Sartori**:

Quando Coxilha se emancipou, a mãe a levou a andar de trem, passeio que a deixou deslumbrada com a paisagem.

Ela sempre quis ser professora porque sua mãe também era. Seu sonho era estudar, e o pai também a incentivava. Ele gostava de ler, tinha muitos livros. Quando não tinha livros, lia dicionários. Como adorava a leitura e a escrita, foi ele quem escreveu a letra do hino do município e o livro que conta a história de Coxilha.

Após anos de estudos, realizou seu sonho, formando-se professora. A primeira vez que lecionou foi na escolinha do Rio do Peixe, interior do município. No inverno, tinha um fogão na sala de aula. Certo dia, chegou um senhor com um carroção cheio de lenha pra ela fazer fogo. O homem, percebendo sua dificuldade, resolveu ensiná-la, e todos os dias antes dos alunos chegarem ela deixava a sala aquecida.

O hino de Coxilha

Coxilha, Coxilha quando canto o teu nome com fervor,
Só teus filhos no teu seio têm mais amor.
Coxilha, teus campos, suas matas são o jardim em flor.
Coxilha, quando o sol entra no arrebol a tua luz tem mais calor.
Avante, Coxilha! Avante, coxilhenses
Filhos natos do planalto riograndense
Teus filhos quando entram na luta vencem.
Amada, ó terra de belezas tão raras naturais,
Com suas matas de erva-mate também pinhais.
Seus campos, pecuária, soja, milho e o ouro dos trigais
Relembra do passado os seus ilustres e pioneiros ancestrais.
Avante, Coxilha! Avante, coxilhenses
Filhos natos do planalto riograndense
Teus filhos quando entram na luta vencem.
E onde cresceu a indústria pujante da madeira
Desfraldando no planalto uma bandeira
Alavanca o progresso dessa terra tão hospitaleira

E hoje muito mais junto com a sua produção seleira.
Avante, Coxilha! Avante, coxilhenses
Filhos natos do planalto riograndense
Teus filhos quando entram na luta vencem.
Passagem de tropeiros que fizeram travessia de outrora
Com prenúncio avistando uma nova aurora.
E foram em frente, nos legando o sucesso de agora.
Com honra, fibra e fé, otimismo sempre pela estrada afora.
Avante, Coxilha! Avante, coxilhenses
Filhos natos do planalto riograndense
Teus filhos quando entram na luta vencem.

O hino de Coxilha tem letra de Luzardo Sartori, música de Maria Alcione Cirino e arranjos de Mazuí Fernandes.

Fonte: <http://www.pmcoxilha.rs.gov.br/pg.php?area=HINO>



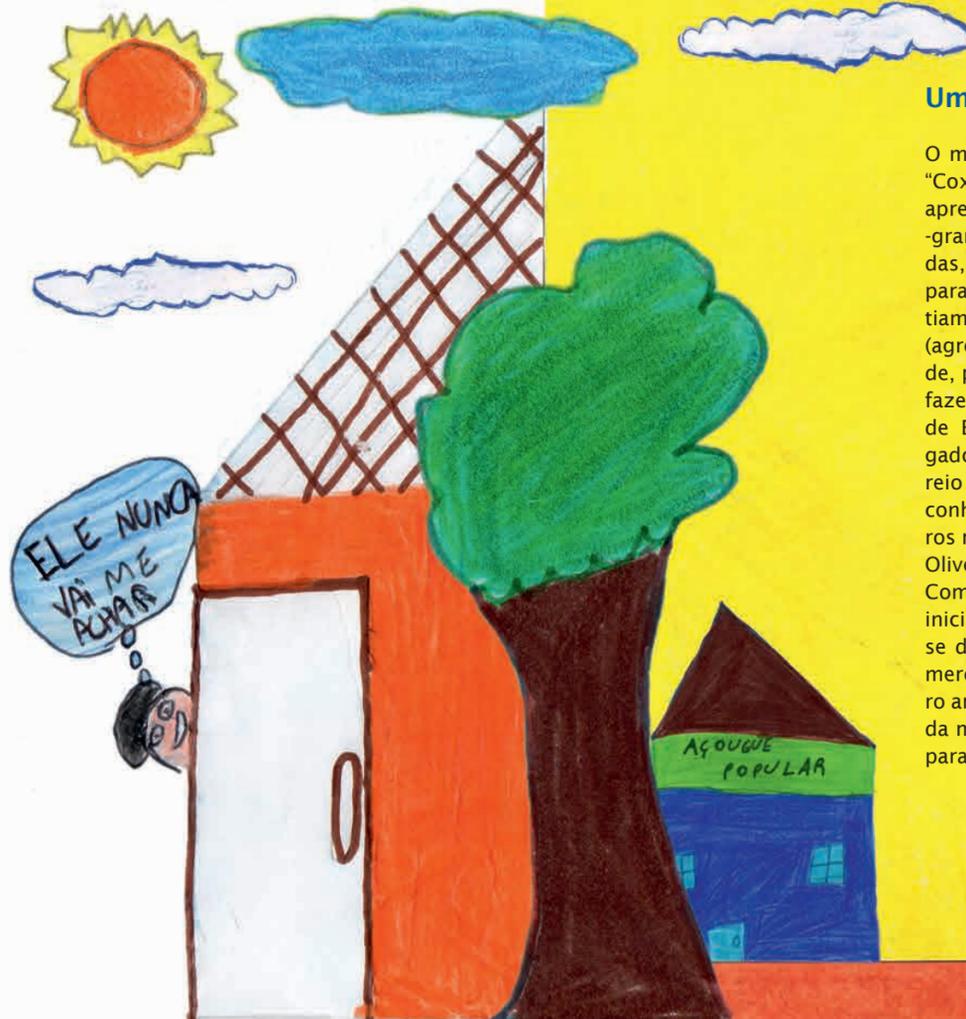
Outro morador que traz lembranças vivas da emancipação de Coxilha é **Edegar do Nascimento Souza**, que inclusive participou ativamente desse movimento, sendo depois nomeado presidente da Câmara dos Vereadores. Sua história com Coxilha é antiga: veio morar aos 16 anos na cidade e trabalhou duro desde cedo até montar seu próprio negócio:

O Senhor Edegar veio morar em Coxilha com 16 anos. Seu irmão arrumou seu primeiro emprego como cuidador de cavalos num celeiro. Tinha que dormir ali para protegê-los, pois eram animais de competição. Improvisava uma cama com as palhas do estábulo.

Mais tarde, começa a trabalhar no açougue do seu irmão, mas teve que se

afastar do trabalho por ser convocado ao serviço militar. Ao retornar à cidade de Coxilha, reencontra aquela menina que anos atrás havia chamado sua atenção correndo com trancinhas no cabelo. Agora ela tinha se tornado uma linda moça e começa a namorá-la. Casaram-se e tiveram três filhos. Seguiu trabalhando para seu irmão e, anos mais tarde, ele conseguiu montar seu próprio açougue.

Senhor Edegar teve uma grande participação na emancipação do município de Coxilha. Foi o primeiro presidente da Câmara de Vereadores, mas, após esse mandato, não continuou sua vida política. Foi autor do projeto do nome da Escola Pantaleão Thomaz, nome esse em homenagem a um ilustre morador.



Um pouco da história e emancipação de Coxilha

O município possui este nome tipicamente gaúcho, "Coxilha", por estar localizado em uma região que apresenta as mais altas elevações do planalto rio-grandense. Essas contínuas elevações, arredondadas, foram escolhidas pelos primeiros moradores para a construção de suas casas. Dessa forma, sentiam-se protegidos dos ataques dos índios coroados (agressivos e predominantes na região). A localidade, por essa razão, ficou conhecida como região das fazendas das coxilhas. Por volta de 1840, Francisco de Barros Miranda e Manoel de Souza trouxeram gado manso, instalando os seus campos de pastoreio no alto das coxilhas existentes, ficando o lugar conhecido como Fazenda das Coxilhas. Os primeiros moradores de Coxilha foram as famílias Miranda, Oliveira Cardoso, Teixeira, Leite e Vieira e Souza. Com a implantação da Estrada de Ferro, cuja obra foi iniciada em 1905 e concluída em 1911, começou a se destacar a exploração, a industrialização e a comercialização da madeira, especialmente do pinheiro araucária. Entre 1910 e 1950, ocorreu a fase áurea da madeira, com a exploração do pinheiro brasileiro para exportação, e com a mata nativa como instru-

mento de alimentação das locomotivas da Viação Férrea e dos locomóveis das serrarias. Durante as décadas de 30 e 40, Coxilha foi o maior polo de exportação de madeira, com diversas fábricas de caixas, aplainados e aduelas. Com a mecanização das lavouras de trigo, Coxilha destacou-se como grande produtor dessa cultura, até meados da década de 60. A partir de 1970, a cultura de soja teve grande expansão pelo incremento da exportação e pelos bons preços alcançados por este grão no mercado externo. Em meados da década de 80, a cultura de trigo teve novo incremento em função da alta tecnologia empregada pelos agricultores, o que possibilitou elevada produtividade. Das seis maiores produtividades nacionais, quatro foram obtidas por agricultores de Coxilha. Na década de 90, formou-se a Comissão de Emancipação de Coxilha, cujo trabalho foi consagrado no plebiscito de emancipação no dia 10 de novembro de 1991. Posteriormente foi sancionada a Lei de Criação do Município no dia 20 de março de 1992, sendo este o dia da fundação do município.

Fonte: <http://www.pmcxilha.rs.gov.br/pg.php?area=HISTORIA>



HISTÓRIAS DE

ESCOLA

Grande parte da infância passamos na escola e é difícil não associar nossas lembranças a esse espaço: o desejo de frequentá-lo, o jeito como íamos até a escola, os colegas, as professoras, os medos, a disciplina, as conquistas. Todos temos memórias marcantes desse período da vida e não poderia ser diferente com os moradores de Coxilha. Suas histórias chamam a atenção pela simplicidade das instalações da escola, pelas dificuldades enfrentadas pelos alunos e pela vontade de seguir estudando.



Você sabe o que é tininho?

Essa é uma expressão usada em Passo Fundo, bem pertinho de Coxilha, e quer dizer ladrãozinho. Na história de Elza, o significado acaba sendo um pouco diferente: o tininho aqui significa incômodo, chato. Assim são as expressões: elas não ficam muito tempo paradas em um só significado, não é mesmo?

Escola na igreja

Muitas vezes, pelos interiores de nosso país, esse foi o jeito dado para que a zona rural pudesse ter uma escola: crianças sentadas nos mesmos bancos dos fiéis, ora para a lição, ora para a missa. Assim era a escola da menina **Elza Lima Formigheri**, que contou aos alunos que a entrevistaram:

Elza nasceu e mora até hoje no interior de Coxilha, na comunidade da Invernadinha. Na infância, ela adorava brincar de boneca em um chiqueiro que fingia ser uma casinha. Nessa época, seu pai fazia cavalos de tambor de óleo, mas eles só andavam para os lados.

A escola que frequentava era dentro de uma igreja e as quatro séries eram juntas. Nesse local não tinha água, por isso iam até um rio beber, sendo que em um dia ela foi com um casaco novo, bem feliz, e um colega a empurrou na água. Assim saiu com raiva e atirou uma pedra na cabeça dele.

No período da catequese, tinha um menino muito incomodativo. Como essas aulas eram em sua casa, ela pegou uma cobra de madeira para assustar os meninos, até que este colega "tininho" descobriu, acabando com a brincadeira dela.

Na adolescência, tinha um vizinho que passava para lhe buscar de charrete para ir à missa e, às vezes, ela e sua amiga Gláucia usavam esse transporte para se deslocarem para as festas da igreja, que nesse tempo eram muito boas.



Para **Valdir Antônio Provensi**, a dificuldade estava no deslocamento até a escola, que era muito longe e todo o caminho percorrido a pé:

O Senhor Valdir nasceu em São Pedro, interior do município de Sertão, que na época era distrito de Passo Fundo. Na infância, trabalhou muito, pois ajudava sua mãe a plantar. Ela abria as covas e ele largava as sementes.

No período da escola, era muito difícil, porque era longe demais. Tinha de ir a pé e, ao invés de levar seus materiais em uma mochila, ele levava na mão. Essa escola era de madeira, mas nessa época não tinha lanche, por isso sempre levava alguma coisa de casa para comer, como batata-doce e pão com mel.

Após sua mãe assar os pães, ele fazia bolinhas de lama e colocava para secar no forno de barro, que usava no bodoque quando caçava passarinhos para assar e comer com seus amigos.

Também era jogador de futebol. Quando participavam dos jogos, tinham que ir na caçamba de um caminhão, pois não havia outro transporte.



HISTÓRIAS DA

TERRA

Viver junto da terra e brincar com o que ela oferece. Ter as lembranças marcadas pela madeira, pela natureza, pelo trator que ara a mesma terra, que era elemento da brincadeira na infância. Assim são as memórias de dois meninos de Coxilha: **Antônio Carlos Rodrigues da Costa** e **João Vieira da Silva**.



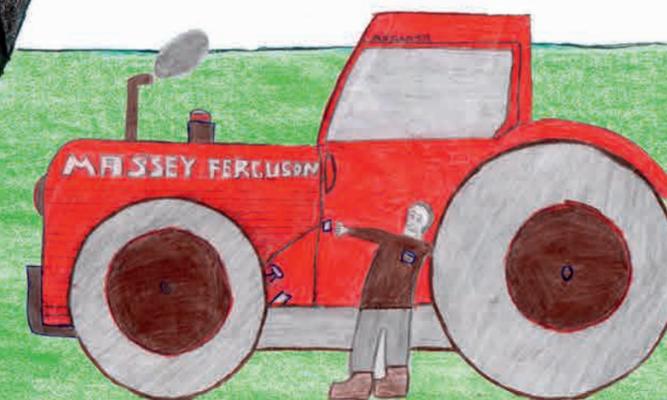
Antonio acalentava o sonho de ter um trator:

Seu Antônio era uma criança que aprontava muito, gostava de balançar umas bolsas de ração para assustar as mulas, fazendo-as correr e derrubando quem estivesse montado nelas. (...)

Tinha o sonho de comprar um trator, mas seus pais não tinham muitas condições. Em 1970, aos 16 anos, eles então conseguiram lhe presentear com o seu primeiro trator, que além de ser usado para o trabalho na agricultura era o seu único meio de transporte. (...)

Seu Totonho, como é mais conhecido, não foi crismado quando criança, porque, como estava chovendo muito, os padrinhos não compareceram no dia. Ele então se crismou quando adulto. Mas lembra que, no dia de sua crisma, levaram um trator para guardar em sua casa. Fazia pouco que havia chegado de outra cidade quando foi retirar o trator do galpão, juntamente com o debulhador de milho, para verificar as correias. Seu filho ligou o trator antes do tempo e ele prendeu seus dedos, por isso teve que amputar um deles.

Hoje em dia, o sustento de sua família é com os rendimentos da agricultura e de sua leitaria, Totonho conversa com as vacas e as chama pelo nome: Lara, Lala, Cola Branca, Diná, Pretinha, Zezé, Três Tetos, entre outras, e se sente realizado com o que faz.





E **João**, também pertinho da terra, foi um grande domador de cavalos. Cuidava das vacas, mas também aprontava nas horas vagas:

Seu João, mais conhecido como tio Neno, nasceu em Pinheiro Marcado. Veio morar em Coxilha, na comunidade de Colônia Miranda. Quando era pequeno, ele ajudava seu pai a domar cavalos. Seu sonho era ser jogador de futebol, mas onde morava não tinha campo. Também ajudava a fechar as vacas para sua mãe tirar o leite e fazer os queijos.

Uma de suas brincadeiras preferidas na infância era jogar bolitas e confeccionar

bicicletas de madeira, porém, quando iam pedalar, elas se quebravam.

Também brincava com seus amigos nas madeiras, pulando de pilha em pilha. Um dia, eles ouviram um barulho e acharam que era o "lobisomem", pois as pessoas mais velhas falavam que ele existia mesmo. Não foram olhar, pois ficaram com muito medo e sempre ficavam na dúvida sobre a veracidade dessa lenda.

Estudou até a quarta série e ia até a escola a cavalo, pois era muito longe; saía bem antes para poder chegar.

Quando foi prestar serviço militar, trabalhava domando cavalos; sempre cuidava de um pônei.



LÁ VAI O TREM COM O

MENINO*

Lá vai a vida a rodar, lá vai ciranda e destino, cidade e noite a girar... Assim começa a canção “Trenzinho Caipira”, com música de Heitor Villa-Lobos¹ e letra de Ferreira Gullar². A música de Villa-Lobos nos remete a uma viagem de trem maria-fumaça, com seus apitos, movimentos e sons. O poema de Ferreira Gullar associa a própria vida ao movimento do trem, que leva o menino, o destino, os sonhos.

1 - Heitor Villa-Lobos (1887-1959) foi um importante compositor e maestro brasileiro, o maior expoente da música no movimento modernista em nosso país.

2 - Ferreira Gullar (1930-2016) foi um grande poeta, escritor e crítico de arte brasileiro, nascido no Maranhão. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.



Entre os moradores de Coxilha, também há boas lembranças das viagens de trem. Para **Salette Mesquita Mendes**, cujo pai e marido são ferroviários, o trem segue a linha de sua vida:

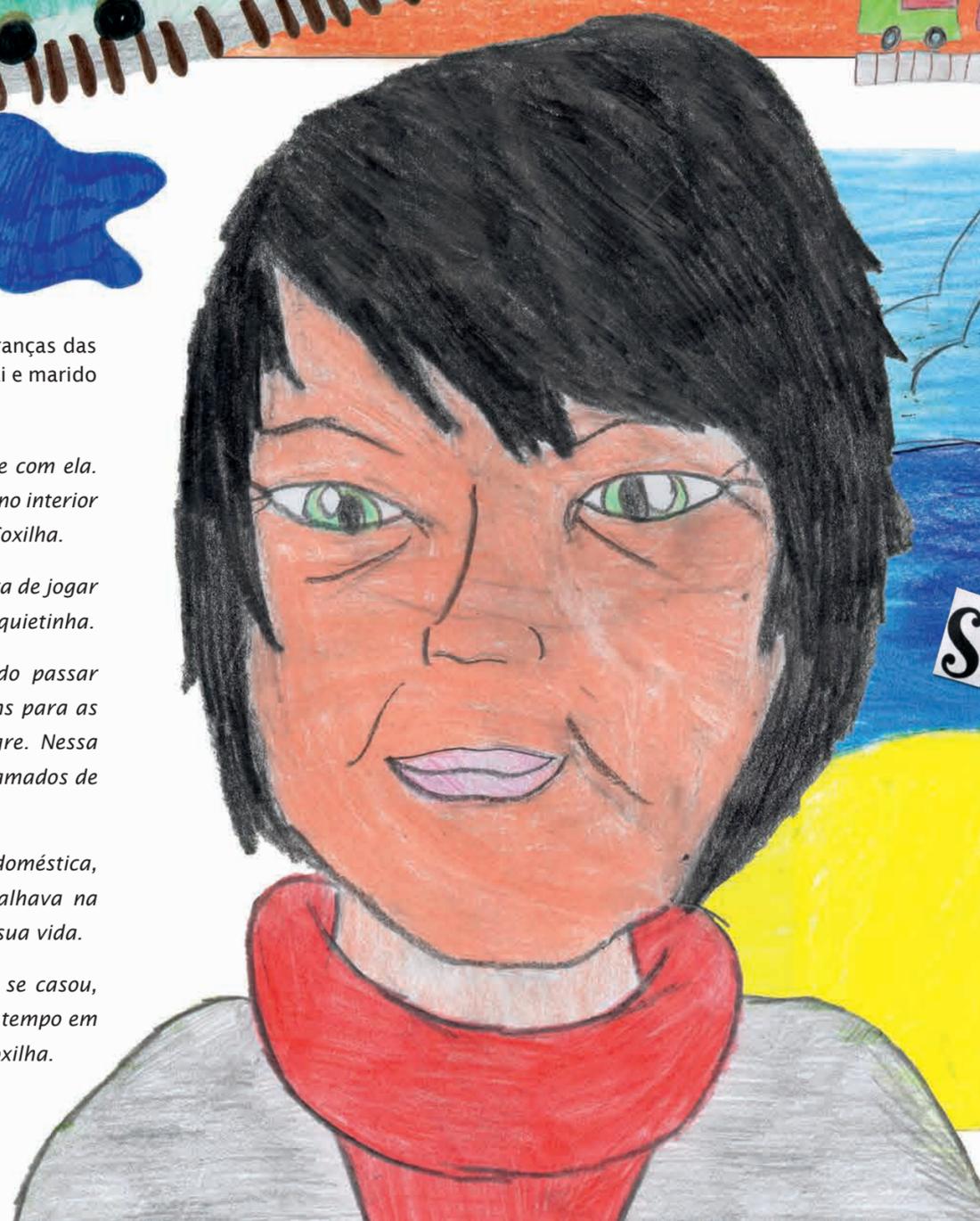
Salette nasceu em Coxilha, teve oito irmãos; eram nove com ela. Seu pai era ferroviário, grande parte de sua infância foi no interior de Erechim, em Baliza. Com 11 anos retornaram para Coxilha.

Quando criança, costumava brincar de bonecas, gostava de jogar bola, brincar de caçador, e ela era uma criança muito quietinha.

Passeava muito de trem, pois achava muito divertido passar por alguns túneis que existiam no caminho das viagens para as cidades de Marcelino Ramos, Cruz Alta, e Porto Alegre. Nessa época, os trens que passavam pelo município eram chamados de maria-fumaça.

Morou em Passo Fundo e trabalhava como empregada doméstica, onde, com 20 anos, conheceu seu marido, pois trabalhava na casa da irmã dele, fato que foi muito emocionante em sua vida.

Seu marido era ferroviário como seu pai. Depois que se casou, ela parou de trabalhar como doméstica. Foi morar um tempo em Ernestina, retornou para Passo Fundo e depois para Coxilha.



SALETE



Raimundo Antunes da Silva também teve sua vida toda marcada pelo trem, pois trabalhou desde os 19 anos na Estação Ferroviária. Junto das boas lembranças também ficam as memórias mais doloridas. Assim como a vida mesmo. Do mesmo jeito que está na canção do trezinho do caipira.

Raimundo nasceu em Cruz Alta e, aos 3 anos, se mudou para Coxilha. Vivia numa casa de madeira que tinha assoalho nos quartos; a cozinha era de chão batido.

Estudou somente até a quarta série, pois tinha que ajudar os pais na lavoura. Naquele tempo, tudo era muito difícil, o trabalho era todo braçal, apenas os cavalos e os bois puxavam o arado e eles iam atrás, forçando-o para que o equipamento funcionasse.

Aos 19 anos começou a trabalhar na Estação Ferroviária de Coxilha e, depois, em Cruz Alta. Muitas histórias aconteceram durante sua jornada nesse trabalho, chegou a morar dentro de um vagão de trem.

O fato mais marcante foi quando perdeu dois amigos em um trágico acidente. Nesse dia, um trem carregado de combustível que seguia rumo a Porto Alegre deu de encontro com uma outra locomotiva que vinha no sentido contrário. Os operadores da linha avisaram por rádio que os dois trens se encontrariam logo à frente. Mas foi dentro de um túnel que eles colidiram, e os amigos de Raimundo não tiveram sorte de escapar da tragédia.

Quando ele chegou ao local, ficou espantado com a triste cena que estava à sua frente, pois os colegas haviam morrido carbonizados.

Apesar de todo o trauma, ele precisava continuar trabalhando e arrumou forças para enfrentar aquela terrível situação.

Raimundo trabalhou na estação ferroviária até se aposentar e hoje vive contando as histórias que aconteceram em toda a sua vida de trabalhador ferroviário.

Instituto Museu da Pessoa.Net

Diretora-presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Instituto Avisa Lá

Presidente
Maria Cristina Meirelles

Coordenadora Executiva
Sílvia Pereira de Carvalho

Coordenadora Adjunta
Cisele Ortiz

Prefeitura Municipal de Coxilha

Prefeito Municipal
Ildo José Orth

Vice-Prefeito
Adão Airton de Oliveira

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Secretária
Tâniela de Cesaro

Dirigente
Samara Fauth

Projeto Memória Local na Escola - Coxilha, 2018

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Produção
Ane Alves

Formadores
Alessandra Ancona de Faria
Lia Cristina Lotito Paraventi

Escolas Participantes

Escola Municipal de Ensino Fundamental
Pantaleão Thomaz

Professores
Angelita Lopes Lucreti - 6º ano B
Carina Câmara Sebben - 8º ano A e 9º ano
Carla Albuquerque Teixeira - 6º ano A
Gilberto Scariot - 7º ano A e 8º ano B

Diretora
Rosandra Maria Fortunato

Vice-Diretora
Ediana Mazutti - 7º ano B

Coordenadora
Rosiane Calgaroto

Alunos

6º ano A
Amanda Emanuéli Sgarbi Secato
Ana Laura Hohnse Masarenhas
Árthur da Costa Machado
Bárbara Aparecida Bitencourt
Cleiderson Pivoto Maier
Douglas Miorando Folle
Érick de Oliveira Thomaz
Felipe Cosati Bressan
Giovani Amarante Cristovam
Julia de Oliveira Bitencourt
Laura Geni dos Santos Jacobs
Luciele Mello da Costa
Maria Eduarda dos Santos
Pedro Henrique Ignacio Fauth
Thainá Wandscheer da Silva
Valéria da Silva
Vitor Maier Bento
Viviane Cordeiro de Carvalho

6º ano B
Anahuê da Silva Xavier
Andressa da Silva Andrade
Andressa Gabrielly do Nascimento Vieira
Bettina Ceni da Silva
Dionas Pires de Moraes
Huriel George Rocha do Prado
Idinilson Dreves Nogueira
Janiele Dreves do Prado
Josué Vitor Rolin Dornelles
Kauã Dreves do Prado
Lanna Vitoria Rosa de Souza
Luan Dias Fernandes
Maria Vitória Levi Vieira
Murilo Locatelli de Souza
Polyana da Silva Dalla Costa
Rafaela Carvalho da Silva
Samanta Rosbach do Prado

7º ano A
Ana Caroline Corrêa
Anderson Arruda Viechinski
Bernardo Crespi
Danieli Fernandes Santos
Eduardo da Silva Rocha
Emerson Antonio Meira Araujo
Emily Rosbach Alves
Érika Valentina Alves
Felipe Gabriel Goettems da Silva
Gabriel da Rosa de Gois
Guilherme Amarante Rocha
Jônathas Kayky Jacinto
Joseane dos Santos de Lima
Josué Carlos Campos
Luiz Henrique da Rocha
Lukas Haupt
Manoela Schmitz Gehlen da Silva
Maria Eduarda França Boeira
Rafael Rodrigues Teixeira
Rene Wesley Quadros de Lima
Ricardo Campagneri da Silva
Stéfani Vitória de Lima Kich
Suelen dos Santos Menezes de Castro

7º ano B

Chaiane Couto de Quadros
Eduardo Santos
Évelin Dreves
Felipe Zanella Nunes da Silva
Giovani César Mertz Alvarenga
Henrique Antunes Bitencourt
Iasmin Náiali Agostino de Andrade
Janesca Prado do Prado
Josiel de Oliveira Dos Santos
Leonardo Pereira Dutra
Lucas Gonçalves da Costa
Luciane Souza Folle
Marcielly Quines dos Santos
Maria Eduarda Rocha da Cunha
Marilize Andrade dos Santos
Maxwell Gabriel Vieira de Oliveira
Nathalia Aparecida Melo Mertz
Natyela Cerneski de Oliveira
Raíssa Arruda Aita
Raíssa dos Santos Bitencourt
Taísa Machado Prates
Wesley Borges Mazzutti
Yasmin da Rosa Martins

8º ano A

Éderson da Silva Rocha
Gabriela da Silva Canabarro
Ilson José da Costa da Luz
José Leonardo Coimbra Ferreira
Júlia Monteiro Silva
Kétlyn Teixeira Vidal
Leonardo Costa da Silva
Luan Carlos da Silva Bergmeyer
Lucas Silva Martins
Maurício Triches
Monique Vitória Trindade Medeiros
Natália Raíssa Dias Vieira
Octavio Antonioli Garcia
Otávio da Rocha Rodrigues
Renan Ubaldó Flôr
Samara Quadros Pereira
Willian da Silva Canabarro
Yan Ygor Dross de Vargas

8º ano B

Bianca Dall Asta de Oliveira
Bianca de Cesaro Zilio
Carlos Eduardo Berwig da Silva
Gabrieli Vitória Grzeidak
João Vitor do Prado
Leciano Renato Antunes da Silva
Mysael Rosbach Kachinski
Natan Da Costa Mertz
Nicoli Salinet Siqueira

9º ano

André Luís da Silva Andrade
Andressa do Carmo Juliani
Cristian Vieira Mello
Émily Assunção Mertz
Gabriel Júnior da Costa
Gabriel Valdenor de Oliveira Inacio
Guilherme Fernandes da Silva
Jhennifer Ramos Loureiro da Silveira

Kaoana Prado Rocha
Larissa Thomaz Canabarro
Luan Soares Prado
Valquíria da Silva
Vitória Soares da Silva Oliveira

Entrevistados

Anildo Mazutti
Antônio Carlos Rodrigues da Costa
Artur Souza Vieira
Edegar do Nascimento Souza
Elizabeth Ceni dos Santos
Elza Lima Formigheri
Francisca da Aparecida da Silva Gonçalves
João Vieira da Silva
Luci Maria Sartori
Raimundo Antunes da Silva
Salette Mesquita Mendes
Valdir Antonio Provensi
Vera Lucia Souza Dall Asta
Wilson Jacobs

Publicação Coxilha: um monte de histórias

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Ana Carolina Pereira de Carvalho

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama

Produção
Ane Alves

Concepção Expográfica
Renato Theobaldo

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos
Alunos participantes do projeto





Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

